



MALBA TAHAN E A SUA MEMÓRIA: A ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO DO PROF.º JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA

André Luiz Paulilo

Universidade Estadual de Campinas / CME-FE

E-mail: <paulilo@unicamp.br>

Resumo

Este artigo é concernente a organização do arquivo pessoal de Malba Tahan. A pesquisa está organizada em quatro partes. Inicialmente, há uma pequena biografia de Júlio César de Mello e Souza. Depois, examina-se alguns documentos sobre a concepção de matemática de Malba Tahan. Em seguida, o artigo aponta as relações entre os critérios de arranjo dos documentos, a história da instituição de guarda e a biografia do titular. Finalmente, analisam-se as implicações destas relações para a memória coletiva. O resultado é uma resposta a questão de Terry Cook acerca de quem nós memorializamos enquanto arquivamos uma vida.

Palavras-chave: Malba Tahan; Arquivos Pessoais; Memória Coletiva.

MALBA TAHAN AND HIS MEMORY: THE ORGANIZATION OF TEACHER JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA ARCHIVES

Abstract

This paper concern is the organization of Malba Tahan personal archives. The research is organized in to four parts. In part one there is a short biography of Júlio César de Mello e Souza. In part two, the author examines some documents about Malba Tahan mathematical concept. Part three points the relations between documents arrangement standard, the history of guard institution and the titular biography. Finally, in part fourth the author presents analysis of the implications of this relations to collective memory. The result of this work is an answer to Terry Cook's question about who we are memorializing while filing a life.

Keywords: Malba Tahan; Personal Archives; Collective Memory.

MALBA TAHAN Y SU MEMORIA: LA ORGANIZACIÓN DEL ARCHIVO DEL PROFESOR JÚLIO CÉSAR DE MELLO Y SOUZA

Resumen

Este artículo se refiere a la organización del archivo personal de Malba Tahan. La investigación está organizada en cuatro partes. Inicialmente, hay una pequeña biografía de Julio César de Mello y Souza.

Después, se examina algunos documentos sobre la concepción de matemáticas de Malba Tahan. A continuación, el artículo apunta las relaciones entre los criterios de arreglo de los documentos, la historia de la institución de custodia y la biografía del titular. Finalmente, se analizan las implicaciones de estas relaciones para la memoria colectiva. El resultado es una respuesta a la pregunta de Terry Cook acerca de quién memorizamos mientras archivamos una vida.

Palabras clave: Malba Tahan; Archivos Personales; Memoria Colectiva.

Introdução

Desde 2010, o Centro Memória da Educação da FE/Unicamp (CME-FE/UNICAMP) mantém sob a sua custódia o acervo pessoal do professor Júlio César de Mello e Souza (1895-1974). Trata-se de um fundo documental que, entre originais de obra, correspondências, periódicos e fotografias, reúne material importante acerca da história do ensino de Matemática. Sobretudo, porque nele pode-se tanto perguntar acerca de um discurso de método quanto procurar pela prática e pelos recursos de ensino é possível amearhar boas referências acerca da experiência da docência em Matemática entre os anos 30 e 60 do século passado.

De fato, Júlio César de Mello e Souza arquivou em cadernos, pastas e álbuns a sua intensa atuação como professor e escritor, construindo um acervo de anotações, textos manuscritos e impressos, souvenirs de viagem e material de estudo por meio do qual dispôs de um repositório seguro de dados da própria existência. O acervo é tão variado nos tipos de documentação quanto exemplar da multiplicidade de experiências vividas por um professor ao longo da sua trajetória profissional.

A propósito de apresenta-lo aqui a partir das questões que suscitou quando da sua organização no CME-FE/UNICAMP, segue-se uma reflexão composta em quatro seções. A primeira trata da história do titular do fundo de documentação. Tem a intenção de contextualizar a proveniência do material e não de fazer uma biografia completa do prof. Júlio César de Mello e Souza. A segunda seção debruça-se sobre a produção intelectual reunida no acervo com o objetivo de demarcar a concepção de Matemática e ensino que ela conserva. As duas últimas seções discutem os critérios de arranjo da documentação tendo em vista as relações que estabeleceu entre a história do titular e da instituição de guarda do seu acervo. Inicialmente, para lhe sublinhar as características e, depois, para problematiza-las. Nesse itinerário, procura-se enfrentar a provocação tão propriamente proposta por Cook (1998, p. 141) ao perguntar sobre quem estamos memorializando agora.

Uma vida entre o ensino e a ficção

Professor, Júlio César de Mello e Souza criou um personagem para ser também escritor: Malba Tahan. Publicou livros de divulgação da matemática como *O homem que calculava*, lecionou em escolas de prestígio como o Instituto de Educação do Distrito Federal da década de 1930 e acumulou um conjunto de anotações, fotografias, pesquisas, originais, pronunciamentos, comendas que

organizou pacientemente em um arquivo. Nele, as histórias que se pode contar são muitas, mas aqui é especialmente importante lembrar que a documentação resultou de uma trajetória repartida entre o ensino e a ficção.

É de uma família de professores que Júlio César de Mello e Souza provém. Seus pais, Carolina Carlos de Mello e Souza e João de Deus de Mello e Souza, mantiveram o Colégio João de Deus na cidade de Queluz, onde nasceu em 1895. Após a morte do esposo, D. Carolina transferiu-se para o Rio de Janeiro onde fundou no bairro de Copacabana a Escola São Paulo em 1914 e na qual lecionaram os seus filhos João Batista, Júlio César, Laura Julieta e Nelson. É de se supor que provavelmente daí a decisão de Júlio César cursar a Escola Normal do Distrito Federal. Em 1913 já havia ingressado no primeiro ano do curso de engenharia civil da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (MT/01.001.0055-01. Dois anos mais tarde, em 1915, iniciou o curso de formação de professores na Escola Normal (MT/01.001.0065-01).

Em 1917, Júlio César de Mello e Souza arranjava-se também como professor de História e Geografia do Grupo de escolas “Manuel Buarque” e Comandante “Midosi” da Companhia Lloyd Brasileiro (MT/01.001.0036-01). Em 1918, obteve nomeação como professor da Escola Normal do Distrito Federal. Lecionou ainda na Escola Secundária do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, na Escola João Luiz Alves, no Colégio D. Pedro II e na Escola de Belas Artes, onde tornou-se catedrático ainda na década de 1930. Mais tarde, atuou na Universidade do Ar e foi professor da CADES.

Em paralelo ao trabalho no ensino superior, Júlio César de Mello e Souza foi conferencista disciplinado. Entre o material que reuniu como arquivo, a presença de cadernos com roteiros de conferências e palestras mostra que se ocupou de diferentes temas. Nos cursos, palestras e conferências ocupou-se desde o alfabeto grego e suas curiosidades e da motivação até dos jogos e recreações matemáticas, dos testes de escolaridade e da arte de contar histórias. Júlio César de Mello e Souza chegou a preparar um prospecto de divulgação dos diferentes tipos de trabalho de Malba Tahan. É nele que se pode saber que “Jogos e recreações no ensino da Matemática” foi um curso cuja intenção era fazer um “estudo completo dos jogos de classe, ou jogos de aprendizagem, com suas múltiplas aplicações pedagógicas no ciclo docente (MT/06.002.0001-02, fl. 3). Do mesmo modo, era apresentado o método de trabalho - “o ensino deverá ser apresentado pelo método dos jograis com instrução programada e trabalhos extra-classe” (MT/06.002.0001-02, fl. 14) – e o programa de curso:

1. jogo de classe; sua definição. Denominações dadas ao jogo de classe
2. O jogo e a criança. Postulado de Claparède e seu corolário.
3. Quando surgiram, no Brasil, as primeiras tentativas sobre os jogos de classe.
4. Como os grandes educadores consideram o jogo de classe e sua ação sobre as crianças.
5. Os jogos de classe e os pedagogos. Como se explica que os jogos de classe não sejam estudados em nossas Faculdades de Filosofia. A ação aniquilante da rotina.

- 6 O jogo de classe e o trabalho. Como dar ao trabalho a feição de um jogo. Uma lenda oriental famosa.
7. O jogo da vida da criança. As teorias que explicam a afinidade entre a criança e o jogo; teoria do descanso, teoria do atavismo, teoria do excesso de energia etc.
8. Objetivos morais dos jogos de classe.
9. Objetivos sociais dos jogos de classe.
10. Objetivos didáticos dos jogos de classe.
11. Objetivos didáticos complementares dos jogos de classe.
- 12 As modalidades dos jogos de classe. Jogos com material e jogos sem material.
13. Os jogos simples e suas modalidades.
14. Os jogos com material e suas modalidades.
15. Os jogos de classe e sua natureza. Jogo individual, grupal e coletivo.
16. Como se faz um planejamento de um jogo de classe.
17. Estudo rápido e prático de alguns tipos de jogos de classe simples: Apague o quadro – Bate-bola – Bossa-nova – Caçando Arara – Corridinha – Cruz na testa – Escola dos Periquitos – Figuras marcadas – Jogo das medidas certas – Jogo em teste – Perdi o ônibus – Pinguem-pingue – Roda gigante.
18. Relacionamento dos diversos jogos com as matérias.
19. Jogo recreativo.
- 20 Apresentação prática de alguns jogos recreativos. (MT/06.002.0001-02, fl. 14-15)

Mas foi na imprensa que nasceu o autor árabe que Júlio César de Mello e Souza nutriu a imaginação e o talento como contista. Ao que se sabe, foi como culminou as inventivas de Júlio César de Mello e Souza para publicar seus contos de ficção na grande imprensa diária do Rio de Janeiro, então capital da República. Sob o pseudônimo A. R. Slade fez publicar seu primeiro conto na imprensa. Como Malba Tahan, inicia no *A Noite*, sob a convivência de Irineu Marinho, proprietário do jornal, uma trajetória ininterrupta de colunista em diários como, entre outros, *O Jornal*, *Diário da Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário de São Paulo* e *Última Hora*.

O exercício do magistério e a prática da escrita de ficção não demoraram a confundir professor e personagem. A partir da publicação do livro *O homem que calculava*, Júlio César de Mello e Souza alimentou o que chamava de mistificação literária, quando “um escritor A atribui a um fantástico escritor B (que nunca existiu ou poderia existir) uma obra C de sua autoria” (MT/09.007.0001-04 fl. 2). De fato, como Malba Tahan, Júlio César de Mello e Souza assinou colunas como as “Contos de Mil e uma Noites” no jornal *A Noite*, “Lanterna Mágica”, no *Diário da Noite*, “Matemática divertida e pitoresca” na *A Gazeta* e “Matemática recreativa”, no *Última Hora*, publicou contos, compendiou literatura e organizou uma trilogia sobre as práticas docentes somando, de acordo com Lorenzato (1995, p. 98), mais de uma centena de títulos.

Mas, sobretudo, Júlio César de Mello e Souza ensinou como Malba Tahan. Atuou nos cursos da CADES, lecionou na Universidade do Ar, apresentou-se na TV Tupi sob a identidade do autor árabe. Malba Tahan foi popular atuando em diferentes canais de comunicação e também na sala de aula. A correspondência que reuniu ao longo da vida conservou a manifestação de alunos e leitores sobre seu trabalho. De uma turma de 1º ano do Instituto de Educação do Rio de Janeiro em 1933 conservou a que se segue:

Ilmo Exmo Sr. Dr. Julio Cesar de Mello e Souza d. d. Professor do Instituto de Educação.

Antes de mais nada deixai-nos saldar-vos respeitosamente, fazendo votos aos Céus para que os ares de Cambiquira vos tenham restaurado as forças para a nova luta deste novo ano. A turma A pela primeira vez depois das férias reuniu-se no Instituto para atravessar a barreira do desenho alcançada em 2ª época.

Naquele convívio, onde todos os assuntos escolares são discutidos, a turma A teve por uma colega do mesmo ano, mas de turma diferente, notícia do vosso projeto em deixa-la por serem alunas pirralhas e passar a lecionar outra turma de discípulas maiores, que tivessem o siso da idade. Foi com dor, Dr. Júlio, que recebemos esta notícia e nestas linhas vai o protesto de toda a turma ligado ao pedido de vossa desistência em proceder assim. Somos menores no tamanho, talvez... no talento, mas sabemos admirar o bom, apreciar o justo e glorificar o saber! A mulher, prezado lente, desde aos 10 anos têm todas o mesmo sentimento, o mesmo modo de pensar, de admirar e de querer. Se alguma falta de linha vós notastes na turma A, não foi devido serem pirralhas, mas sim marinheiras de primeira viagem as quais saindo da escola primária seguiram para os bancos secundários.

Prometemos-vos este ano uma conduta de linha e uma pose de alunas secundárias. Esperançosas de sermos tendidas de vos ter por mestre, subscrevem-se com muita consideração e estima.

Alunas da turma do 1º ano A do Instituto de Educação
MT/01.003.0008-01

A cartas assim, podem-se ainda juntar outras de colegas do magistério e os seus textos de metodologia, materiais de estudo e fotografias de sala de aula para o estudo da história das relações de ensino e aprendizagem experimentada na escola entre os anos 1930 e 1970. Nesse aspecto, o acervo de Malba Tahan é tão variado nos tipos de documentação que reúne quanto exemplar da multiplicidade de experiências vividas por um professor ao longo de sua trajetória profissional. Imbricam-se nele a diversidade material dos registros, os muitos estabelecimentos escolares e seus níveis de ensino e as diferentes formas de reconhecimento profissional e de estar em relação típicas de uma carreira de quase meio século no exercício da docência (PAULILO, 2015)

A obra de uma vida

Malba Tahan foi a obra de uma vida. Júlio César de Mello e Souza iniciou a publicação de contos sob o pseudônimo de Malba Tahan em 1925. Alcançou reconhecimento internacional após publicar *O homem que calculava*. Com este livro não só obteve notoriedade, também se afirmou na tarefa de divulgação de um outro modo de ensinar a Matemática, lúdico e interessado na interação com os alunos, pelo qual combateu até o fim da vida. Em títulos como, por exemplo, *Matemática divertida e curiosa* (1934), *Matemática fácil e atraente* (1938), *Histórias e fantasias da Matemática* (1939) e *Diabruras da Matemática* (1943), Júlio César de Mello e Souza chamava a atenção para a presença da matemática no cotidiano e a aliança que há entre o gosto de ouvir histórias e a indução ao raciocínio matemático.

Eram livros diferentes dos compêndios didáticos que escreveu com Euclides Roxo e Cecil Thiré. Neles, Júlio César de Mello e Souza não tinha a preocupação com os exercícios de repetição ou a sequenciação dos programas oficiais. Escreveu-os em torno de histórias e curiosidades acerca

dos números e de problemas variados. A fórmula criada em *O Homem que calculava* animava-os em crônicas sucintas e verbetes inventivos sobre problemas de geometria, álgebra e aritmética.

Júlio César planejou um dicionário “curioso e divertido” de Matemática que chegou a ter publicado dois volumes, de A a B (1940) e de C a D (1942). Também produziu antologias. Nos anos 1960, publicou a *Antologia do Professor*, como parte de uma série de volumes sobre o bom exercício do magistério, composto ainda pelos títulos “*O manual do perfeito mal professor*” e, entre outros o “*Manual do Bom professor*”. Sua primeira antologia, no entanto, não tinha nenhuma relação com a Matemática. Vem da década de 1940 os três volumes de *A sombra do arco-íris*, uma antologia de literatura brasileira sob a forma de contos. *A Lua, astronomia dos poetas brasileiros* (1955) foi outra de suas inventivas em termos de antologia.

Como *A sombra do arco íris*, boa parte da literatura publicada por Malba Tahan não dizia respeito a Matemática, mas a contos de fundo moral inspirados em narrativas árabe-muçulmanas ou cristãs. Os livros *Céu de Allah* (1928), *Lendas do Deserto* (1929), *Mil histórias sem fim* (1933), *Minha vida querida* (1937), *Lendas do Céu e da Terra* (1933) ou *Novas Lendas Orientais* (1959) continham motivos árabes preenchidos dos pressupostos da moralidade e ordem social que, nos anos 1930 e 1940, determinavam o ideal de brasileiro postulado pelo projeto de regeneração social próprios à intelectualidade da época. Na imprensa, publicou parte do que havia editado em seus livros em colunas periódicas de diários de grande circulação. Em todo esse conjunto, Júlio César de Mello e Souza ambienta a vida e as histórias de Malba Tahan a partir de um universo ficcional especialmente atento aos estereótipos relativos ao Oriente e a sua ordem moral. Não foi pouco o esforço que Mello e Souza despendeu para fazê-lo. Em seu material de estudo, os vestígios de pesquisa sobre o oriente médio são recorrentes. Álbuns de imagens, reportagens, excertos de livros, cadernos de estudo do árabe testemunham o trabalho de composição dos seus personagens e das tramas de seus contos.

Moysés Gonçalves Siqueira Filho (2008, p. 44) afirma que “Mello e Souza constrói uma história alinhavando elementos fictícios com situações reais de uma forma bastante articulada”. E, de fato, ao se ocupar da biografia de Malba Tahan, sua tese defende que a mentira artística construída por Julio César de Mello e Souza representa uma das rupturas, um dos abalos do professor-autor na tentativa de se recriar, de se reinventar, de se ressignificar no cerne de suas práticas cotidianas (SIQUEIRA FILHO, 2008, p. 190).

As análises de Siqueira Filho mostram também que o árabe a quem Mello e Souza emprestou a autoria de *Matemática divertida e delirante* prestou-se a reacender em 1962, na segunda edição da obra, uma polêmica que ele próprio havia sustentado nos anos 1930 com Jácomo Stávale a propósito da renovação do ensino da Matemática afirmada com a reforma Francisco Campos. Conforme explicam Siqueira Filho (2008, p. 140) e Wagner Valente (2003), a iniciativa visava dar aos leitores a impressão de que saíra vitorioso de uma acirrada disputa. De fato, além do personagem e as

circunstâncias da sua criação, o método de ensino e a perspectiva de trabalho de Júlio César de Mello e Souza interessou ao estudo da sua obra. Mais que a ficção, a didática e o tipo de matemática divulgada por Malba Tahan animam a reflexão acerca da sua obra. Tanto tida como “dotada de excepcional didática e imaginação” (LORENZATO, 1995, p. 100) quanto pioneira no cenário da educação brasileira (SOUSA; FOSSA, 2015), expressa uma concepção de educação matemática avessa ao “algebrismo”, característica do professor de Matemática que se vale de “teorias intrincadas, problemas complicados, sem a menor aplicação: cálculos numéricos, trabalhos relucados, dos quais o estudante nada aproveita” (MALBA TAHAN, 1961, p. 61).

O acervo como a obra

Júlio César de Mello e Souza foi metucioso entesourador da sua obra. Separou em pastas nomeadas os originais dos seus textos e em cadernos suas publicações da imprensa e anotações para palestras e aulas. Também faz parte do seu acervo os cadernos em que reuniu fotos, reportagens e *souvenires* de viagem. Trata-se de um conjunto central do acervo em torno do qual se articulam tanto a documentação pessoal quanto os materiais de estudo, a crítica e a correspondência. A organização desse material no CME-FE/UNICAMP observou os modos como o próprio Júlio César classificou seu arquivo. Construíram-se, assim, para conservar os conjuntos de documentação definidas pelo próprio titular, séries denominadas unidades de arquivamento. O arranjo do material foi estruturado em 13 unidades ao todo. Quase uma dezena delas compreendeu conjuntos criados pelo próprio Júlio César de Mello e Souza. O material avulso, de estudo, de crítica e tridimensional foi reunido em unidades complementares.

No conjunto, distinguem-se da obra acerca da matemática as produções em torno dos contos com motivos árabes. De fato, a presença de Malba Tahan em cerimônias e eventos da comunidade Sírio-Libanesa no Brasil, como atestam convites de jantares e comendas de reconhecimento, tem a ver com sua contribuição para a divulgação da cultura do oriente médio no país. Em alguma medida, conferiam reconhecimento ao autor de *Mil Histórias sem Fim e Céu de Alah*. Um segundo conjunto de obras, formado por textos como os de *À Sombra do Arco Íris*, *A Lua* (astrologia dos poetas brasileiros) alcançava um público amplo e diletante da literatura brasileira. Por um lado, Beremiz, Imedin Tahir e Salim, o mágico, foram protagonistas de histórias hábeis em envolver o leitor com a moral, a inteligência e a argúcia dos povos do Oriente Médio. Por outro, a reunião de excertos de autores célebres da literatura ou de versões engenhosas de histórias da tradição cristã promoveram, segundo Held (2012, p.120) um ideal moralizante de justiça e hierarquia social. Em comum, o fundo de educação moral sobre o qual Júlio César de Mello e Souza construiu as tramas dos seus livros ou compendiou suas referências foi marca de uma obra literária toda feita de lendas, fábulas e parábolas.

Especialmente em torno do protagonista de *O homem que calculava*, Beremiz, criador e criatura misturaram-se numa profícua trajetória de produção. Quando a obra foi publicada, o engenheiro civil, professor na Escola de Belas Artes, Julio César de Mello e Souza emprestou sua compreensão da matemática para Malba Tahan, autor árabe e personagem que criou para também ser escritor. Conforme o próprio Julio César de Mello e Souza reconheceu em entrevista para *O Globo* (14 nov. 1966, p. 2) quando lhe perguntaram como o professor de matemática se sentia em relação a Malba Tahan por ocasião da sua posse numa das cadeiras da Academia Carioca de Letras: “Não chega a ter ciúme do irmão do oriente. Ao contrário, vivem muito à vontade, confraternizando, nas grandes ocasiões como esta (...). Chega mesmo a emprestar seus conhecimentos a Malba Tahan, como no *Homem que calculava*”.

A história de Beremiz fez de Malba Tahan um autor conhecido do público. A obra atravessou gerações de leitores por meio de numerosas edições e valeu prêmios e reputação a Júlio César de Mello e Souza. Neste ponto, outra inflexão na trajetória de Malba Tahan que também passa a identificar publicações sobre curiosidades a respeito da Matemática e dos números. Nesse sentido, *Matemática divertida e curiosa*, publicação de 1934, inicia um conjunto de livros compostos de curiosidades, problemas aritméticos e algébricos, anedotas e referências à literatura que buscavam chamar a atenção para aspectos concretos e reais, cotidianos e estéticos, da matemática, dos números e do raciocínio lógico-formal. Assim, seguiram-se a publicação de títulos como *Matemática fácil e atraente* (1937), *Histórias e fantasias da matemática* (1939) e *Matemática Divertida e Fabulosa* (1942).

Acompanham esse tipo de publicação as colunas na imprensa. “Matemática recreativa” e “Matemática divertida e curiosa” sobrepõem-se aos “Contos Árabes” ou aos “Contos de Mil e uma Noites” dos primeiros tempos na imprensa e veiculam uma ideia lúdica e prosaica da Matemática por meio de concursos, anedotas e curiosidades em torno de diferentes aspectos da aritmética, da álgebra e da geometria. Há ainda anotações para conferências conservados em cadernos de brochura, nos quais se pode, também, vislumbrar os aspectos didáticos defendidos por Júlio César de Mello e Souza. Deste tipo, os cadernos intitulados *Casos e lendas da Matemática*, *Problemas famosos e curiosos da matemática*, *A matemática na escola primária* e *Jogos didáticos e recreações matemáticas* dão algumas pistas acerca dos princípios didáticos advogados por Malba Tahan.

Um último conjunto de publicações aparece relacionada à didática no magistério da Matemática com a série *A arte de ser um perfeito mau professor* (1966), *O mundo precisa de ti professor* (1967), *O professor e a vida moderna* (1967), *Antologia do bom professor* (1969), *Roteiro do bom professor* (1969) e *Páginas do bom professor* (1969). São títulos que, em alguma medida, compilam material originalmente preparado para a imprensa. Como artigo, a ideia geral de “A arte de ser um perfeito mau professor”, por exemplo, foi publicado na coluna “A escola e a vida”, da

Folha de S. Paulo, na edição de 5 jan. 1964 (cf. MT/02.027.0036-06). Nos livros que compõem essa série, acham-se algumas das motivações enunciadas por Júlio Cesar de Mello e Souza para o empreendimento. Aos leitores da sua *Antologia do Bom Professor*, por exemplo, diz que procurou “elaborar uma antologia que fosse, de qualquer maneira, útil ao professor esforçado e estudioso que se encontra, por vezes longe, das capitais e não pode dispor de ampla e rica bibliografia” (MALBA TAHAN, 1969, p. 9). Já para os leitores da *A arte de ser um perfeito mau professor* contemporizava:

Queira Deus que este livro, pelas valiosas citações que encerra, possa trazer algum esclarecimento didático aos bons e dedicados professores, isto é, aqueles que educando e instruindo os jovens, fazem a grandeza de nossa Pátria. Reconhecemos que, em muitos pontos, fomos extremamente severos para com os maus professores. Mas, na verdade só agimos desse modo, convencidos de que alertando nossas autoridades (pais, diretores, inspetores, orientadores educacionais, chefes etc.) podemos prestar bom serviço aos jovens educando e, portanto, ao Brasil. (Malba Tahan, 1966, p. 11).

Longe de completa, essa descrição apenas sumária da produção intelectual de Malba Tahan permite apresentar uma hipótese de interpretação acerca do propósito do entesouramento da documentação por Júlio César de Mello e Souza. Tanto a análise dos originais de obra e do material publicado na imprensa quanto o seu cotejamento com a obra editada indicam que o acervo servia para o reaproveitamento dos textos. Uma série de procedimentos testemunham um manuseio reiterado da produção. A presença de versões manuscritas, datilografadas, impressas em periódicos e editadas em livro de um mesmo conto ou texto, a existência de cópias recortadas e coladas em conjuntos de documentação diversos e o padrão de dispersão das cópias sugerem um trabalho continuado de compilação da produção. Sem descartar outras análises acerca das práticas de entesouramento de documentação pessoal em acervo privado, tem-se como hipótese que Júlio César de Mello e Souza reaproveitava o material já produzido em outras publicações. A coluna “Matemática divertida e pitoresca”, publicada na *A Gazeta* na década de 1960, tinha material de livro homônimo publicado em 1941. Também a coluna Matemática Recreativa do *Última Hora* trazia, entre outros, problemas também publicados em livro homônimo de 1965.

Não se trata apenas disso, no entanto. Em 1918, quando Júlio César de Mello e Souza decidiu-se por conservar seus documentos, escreveu:

O arquivo tem por fim conservar muitos papeis, cartas, retratos, cartões etc que não poderiam ficar no Diário.
Será portanto um auxiliar magnífico e indispensável.
Todo e qualquer documento da minha história será conservado de agora em diante no Archivo 1918 – 17 de novembro. (Caderno de Arquivo 01, MT/01.001-01, fl. 3)

O gesto de Mello e Souza ao arquivar vestígios da juventude, registros da carreira de professor e escritor e souvenirs de viagens permite ter da docência uma ideia vinculada às ações que nela se materializa a título de prova ou evidência. De fato, as aulas, as conferências, os originais manuscritos, as colunas na imprensa que, então, reuniu oferece uma amostra representativa não apenas dos protocolos do ofício, mas das estratégias de execução.

Em todo caso, a convivência entre o autor árabe e o professor de matemática é característica do material que Júlio César de Mello e Souza reuniu e o CME/FE-Unicamp preservou. De modo que, por um lado, os contos de inspiração e motivos árabes fazem pensar nos narradores profissionais do oriente que, segundo sugere Malba Tahan (2011), existiam em cada uma das aldeias árabes. Conforme compreendeu Held (2012, p. 83), a criação de Malba Tahan foi artifício complementar ao exercício de alteridade que Júlio César de Mello e Souza propunha em seu universo ficcional: “um exercício de alteridade que não parte da retórica da diferenciação pura e simplesmente etnocêntrica, nem da total assimilação, mas que busca uma aproximação entre duas realidades”. Por outro, não parece despropositado sugerir que a obra em torno da Matemática que Júlio César de Mello e Souza construiu, como Malba Tahan, também foi um exercício de alteridade, já não entre árabes e brasileiros, mas entre a matemática e a vida cotidiana.

Os arranjos da Memória

Ainda que indissociável da obra literária, os contos, as colunas de imprensa, as conferências e os livros de Malba Tahan acerca da compreensão da Matemática compõem um conjunto particular da produção intelectual de Júlio César de Mello e Souza. Por meio de desafios, curiosidades, verbetes e ensaios essa parte da obra de Malba Tahan entreteceu o esforço didático do ensino da matemática em uma perspectiva recreativa de abordagem. Assim, não só se envolveu com a popularização da Matemática como atuou no sentido de comprometer o ensino desta disciplina à didática. Inicialmente, *O homem que calculava* e *Matemática divertida e curiosa* revelavam a valorização do conhecimento leigo que o professor Júlio César nutria. Mais tarde, os dois volumes de *Didática da Matemática* (1961) e a série de livros acerca do professor que lhes seguiram, prescrevem formas de atuar na docência. Entre um e outro grupo de obras o empenho de tornar o conhecimento significativo sede algum espaço para a ironia, o humor ofensivo e até o desprezo por certas práticas e atitudes de professores.

O legado dessa obra foi reivindicado por grupos e instituições. Pereira Neto e Salles (2012, p. 69) lembram que Malba Tahan é considerado, “ao lado de Sam Loyd, Yakov Perelman e Martin Gardner, um dos mais importantes popularizadores da Matemática” e que o identificam como um precursor da etnomatemática. Entre as instituições que atualmente propugnam uma perspectiva inventiva do ensino da matemática, destacam a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e o Centro de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, da Faculdade de Educação da Unicamp (CEMPEM). O reconhecimento do dia 06 de maio, efeméride que marca o nascimento de Júlio César de Mello e Souza, pela Lei 12.835, de 26 de junho de 2013, como o Dia Nacional da Matemática contribui para ainda conservar, conforme as palavras de Ribeiro (1998, p. 41) “a dignidade de ser recordado”.

Nesse sentido, os laços de parentesco que Pereira Neto, um pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz e Salles, um professor da USP, tem com o titular do acervo e a iniciação profissional de Sérgio Lorenzato (1995, p.95), que foi aluno de Malba Tahan em curso de formação de professores em São Carlos no ano de 1958, nos faz lembrar que há também uma dimensão formativa para além da ordem dos livros e da obra e cuja memória já é da ordem da experiência. Do convívio com seu professor, Lorenzato (1995, p. 95) testemunhou:

No primeiro dia de aula, o mestre, como sempre o fazia, chegou caminhando tranquilamente, mas com passos firmes e coluna ereta. Ele se vestia impecavelmente e seu jaleco era da cor de seus alvos cabelos. Sempre acompanhado de sua ponteira, dela se utilizava com segurança e correção. Finalmente, o uso que fazia do quadro-negro, além de ser uma aula de didática aos professores, era também uma lição de respeito para com os alunos. Para sua primeira aula, Malba Tahan escolheu o estudo dos “métodos obsoletos” de ensino, comparativamente aos “métodos progressistas” e, para surpresa geral, ouvimos o mestre recomendar que, em nossas salas de aula, nos utilizássemos de laboratório de ensino de Matemática, de jogos matemáticos, de redescoberta, do raciocínio heurístico, de resolução de problemas, de histórias da matemática e de aplicações da Matemática. Embora muitos desses assuntos, hoje, estejam relativamente divulgados entre nós, professores, em 1958, falar sobre eles no interior de São Paulo era tarefa apenas para um precursor.

Autor de obras como *Para aprender Matemática, O laboratório de ensino de Matemática na formação de professores e Educação infantil e percepção matemática*, Lorenzato reconhece em Júlio César de Mello e Souza uma inspiração. De fato, sua reflexão acerca da educação matemática desenvolveu-se numa perspectiva próxima daquela que foi a do próprio Malba Tahan, baseada em atividades lúdicas e imaginativas, histórias e brincadeiras. Assim, seu depoimento, como as reflexões de Pereira Neto e Salles evocam memórias que se entremeiam e envolvem a própria história do acervo. Contém parte do que o acervo pessoal de Malba Tahan conserva com a sua organização no CME-FE/Unicamp. São aspectos daquilo que a custódia institucional desse acervo, sob a forma de um fundo pessoal de documentação, *celebra e memorializa*. Conforme problematizou Cook (1998, p. 139) os arquivistas “tornaram-se agentes intervenientes que estabelecem os padrões de arquivamento e deliberam sobre a pequena fração do universo de informações registradas será selecionada para a preservação arquivística”. Dessa perspectiva, há mais aspectos a considerar. Em muitos sentidos, as questões que Terry Cook levanta tem a ver com o poder da instituição de guarda sobre a formação da memória. Carvalho e Nunes (1993, p. 26) explicam que antes da pesquisa conferir um sentido à documentação, o doador e a instituição de guarda atuam sobre a sua seleção e classificação. Por um lado, então, o doador tem o poder da pré-seleção e de impor exigências à instituição de guarda do acervo doado. Em contrapartida, o poder da instância de organização do arquivo “se radica particularmente nas prioridades e mecanismos institucionais de acolhimento, preservação e/ou restauração, classificação e/ou identificação dos conteúdos e estabelecimento das condições de acesso à documentação sob sua guarda” (CARVALHO; NUNES, 1993, p. 26-27).

Terry Cook (1998, p. 142) insiste que os arquivistas são parte importante do processo histórico do qual participam. Em seus “constructos teóricos e em suas metodologias estratégicas”, são profissionais que “criam e conformam”, “filtram e distorcem” arquivos, contribuindo para arbitrar sobre os personagens e eventos julgados merecedores de *memorialização* no contexto de seu tempo. Dessa perspectiva, é complementar à pergunta sobre quem estamos memorializando agora, questionar quem marginalizamos e excluímos da memória social por nossas ações ou omissões (COOK, 1998, p. 140). Esse exercício crítico beneficia o emprego das metodologias de avaliação e descrição da documentação com o reconhecimento de que o arquivista tem um “papel ativo na construção da memória social” (COOK, 1998, p. 143).

Uma reflexão dessa ordem acerca da organização do fundo Malba Tahan impõe reconhecer que além do processamento técnico, a atuação do CME-FE/Unicamp para disponibilizar o acervo à pesquisa pública envolve atestar um regime de memória e produzir outros. Por um lado, a descrição, a classificação e o arranjo das séries de documentos afirmam atributos de sentido e significado de um fundo arquivístico a partir do contexto de proveniência dessa mesma documentação. E, dessa perspectiva, a organização das séries e subséries desenvolvida para o arranjo do acervo procura conservar a memória das práticas de produção do conjunto de documentos. Mas, por outro, a lógica que então criou de disposição da documentação também expressa uma vontade de memória própria e diferente da memória da afetividade. Nessa direção, o reconhecimento histórico ao trabalho e às ideias do professor Júlio César de Mello e Souza que foi o arquivamento do seu acervo pessoal no CME-FE/Unicamp tornou-se, por meio da sua organização nesse mesmo Centro, também a homenagem a uma concepção de educação matemática em detrimento de outras.

Considerações finais

Voltando ao questionamento de Terry Cook, o trabalho do CME-FE/Unicamp sobre o acervo pessoal de Júlio César de Mello e Souza tanto o articula a memória de uma área da pesquisa acadêmica quanto o legitima a partir de uma instância da formação docente. Portanto, em muitos sentidos e apesar de toda observância dos conceitos e metodologias arquivísticas, a ordem que o CME-FE/UNICAMP impôs ao arquivo Malba Tahan por meio da descrição, da classificação e do arranjo da documentação não foi uma recriação isenta de valores. Como insiste Cook (1998, p. 143), “os arquivos servem como monumentos às pessoas e instituições julgadas merecedoras de serem lembradas” sendo que, por isso mesmo, “o controle sobre a criação e preservação do passado pelos arquivos, reflete as lutas de poder do presente”. Implicam, assim, disputas em torno da criação e, depois, do controle da memória numa já bem conhecida compreensão da dimensão política da construção da memória (FERRO, 1983; LE GOFF, 2003; NORA, 1993; RICOEUR, 2007).

Da perspectiva de quem participou da organização do acervo pessoal de Júlio César de Mello e Souza no CME-FE/UNICAMP, as inventivas para a criação e implantação do arranjo e aplicação da classificação significaram trabalhar contra o esquecimento das possibilidades que o ensino da matemática conheceu para se popularizar, humanizar e fazer parte da compreensão de mundo dos brasileiros. Reconheço, no entanto, que este é apenas um entendimento acerca do enfoque teórico e metodológico pelo qual se conduziu todo o trabalho. Nessa direção, o empenho de todos os envolvidos na organização e preservação do acervo Malba Tahan terá valido tudo o que custou e compensado mesmo se uma outra compreensão desse trabalho sobrevier.

Referências Bibliográficas

CARTÃO DE MATRÍCULA de Júlio César de Mello e Souza. CME-FE/UNICAMP - MT/01.001.0055-01.

CARTÃO DE MATRÍCULA de Júlio César de Mello e Souza. CME-FE/UNICAMP - MT/01.001.0065-01.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, p.129-150, 1998.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação: a história dos dominados em todo o mundo*. São Paulo: Ibrasa, 1983.

HELD, Helder Macedo de. *O homem que orientalizava: o oriente de Malba Tahan*. Assis, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Letras de Assis –UNESP, 2012. 181 p.

JULIO CÉSAR Mello e Souza x Malba Tahan. *O Globo*, 14 nov. 1966, p. 2.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LORENZATO, Sérgio. Um (re)encontro com Malba Tahan. *Zetetiké*, ano 3, nº 4, p. 95-102, 1995.

MALBA TAHAN. *Antologia do bom professor*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda, 1969.

MALBA TAHAN. *A arte de ser um perfeito mau professor*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda, 1966.

MALBA TAHAN. A arte de ser um perfeito mau professor. *Folha de S. Paulo*, 5 jan. 1964. CME-FE/UNICAMP - MT/02.027.0039-06.

MALBA TAHAN. *Didática da Matemática*. São Paulo: Saraiva, 1961.

MALBA TAHAN. *Mil histórias sem fim*. São Paulo: Record, 2011.

MELLO E SOUZA, Júlio César de. *Caderno de Arquivo*. CME-FE/UNICAMP – MT/01.001-01.

MELLO E SOUZA, Júlio César. *Correspondência Passiva*. CME-FE/UNICAMP - MT/01.001.0036-01.

MELLO E SOUZA, Júlio César. *Correspondência Passiva*. CME-FE/UNICAMP – MT/01.003.0008-01.

MELLO E SOUZA, Júlio César. *Prospecto*. MT/06.002.0001-02.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, vol. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Clarice.; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. *Cadernos Anped*, nº 5, p. 7-64, set. 1993.

PAULILO, André Luiz. A docência, a memória e a pesquisa histórica da educação. In.: PAULILO, André Luiz (org.). *A docência e a memória: escritas e lembranças da Educação*. Campinas: Leitura Crítica, 2015, p. 59-92.

PEREIRA NETO, André de Faria; SALLES, Pedro Paulo. O homem que criava. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 7, nº 84, p. 66-69, set. 2012.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, p.35-42, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

SAID SALLUM, Fernando. *A vida lendária de Malba Tahan. Observações e comentários sobre a origem de um pseudônimo*. CME-FE/UNICAMP – MT/09.007.0001-04. 41fls

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. *Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan: episódios do nascimento e manutenção de um autor – personagem*. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: UNICAMP, 2008. 224 p.

SOUSA, Enne Karol Venancio de; FOSSA, John Andrew. O pioneirismo de Malba Tahan na educação matemática brasileira. *Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT*. Belo Horizonte, Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG 08 a 11 out. 2014. Disponível em: http://www.14snhct.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1755. Acesso em: 10 out. 2015.

VALENTE, Wagner. Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan versus Jacomo Stávale. *Cadernos de Pesquisa*, nº 120, p. 151-167, nov. 2003.

Recebido em 17/11/2017

Aceito em 06/01/2018

Sobre o autor

André Luiz Paulilo

Professor de História da Educação no Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Graduado em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, possui mestrado e doutorado pela Faculdade de Educação desta mesma universidade. Foi educador do Museu de Arqueologia e Etnologia e pesquisador no Instituto de Estudos Brasileiros também na USP. Na UNICAMP coordenou o Centro de Memória da Educação entre 2012 e 2016. Atualmente, faz parte do Conselho Científico do Centro de Memória da Universidade e atua como editor associado da Revista Pro-Posições. Entre 2013 e 2017 foi editor associado da Revista Brasileira de História da Educação. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em História da Educação, estudando a história das políticas públicas de educação, a cultura escolar contemporânea e o patrimônio educativo. É autor do livro *Políticas Públicas de Educação - a estratégia como invenção: Rio de Janeiro, 1922-1935*.